



MULHERES AGRICULTORAS E SEUS TERRITÓRIOS DE TRABALHO E REPRODUÇÃO FAMILIAR

Fernanda Ramos Lacerda
Universidade Federal de Sergipe – UFS (Brasil)
Endereço eletrônico: nandarlacerda@gmail.com

Sônia de Souza Mendonça Menezes
Universidade Federal de Sergipe – UFS (Brasil)
Endereço eletrônico: soniamendoncamenezes@gmail.com

1903

INTRODUÇÃO

O trabalho das mulheres agricultoras representa uma estratégia que contribui para a manutenção social e econômica da família no meio rural e urbano. No entanto, é recorrente a sociedade considerar a labuta feminina como uma ajuda (Menezes, 2021), uma vez que está associada às atividades desenvolvidas na cozinha e ao quintal, historicamente subjugadas em relação ao trabalho masculino. A vivência de suas práticas e atividades influenciam na construção das identidades enquanto agricultoras e de suas territorialidades enquanto trabalhadoras.

O objetivo deste artigo é analisar as territorialidades vinculadas à produção de alimentos nos quintais produtivos e a comercialização nas feiras livres pelas mulheres agricultoras assim como as reflexões dessas atividades na reprodução familiar.

METODOLOGIA

A pesquisa apresentada é um recorte da tese de doutorado que se encontra em andamento, para tanto foi realizado levantamento bibliográfico e pesquisas *in locus nas feiras em Vitória da Conquista* (Feira do Alto Maron, Bairro Brasil, Patagônia e CEASA). Fundamentamos a investigação com as discussões da categoria território, os conceitos de territorialidade e diante das constatações foi necessário também inserir os debates vinculados as relações de gênero.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

A divisão social do trabalho, atribuiu tarefas diferentes a homens e mulheres e esta divisão contribui para uma efetiva desvalorização do trabalho que as mulheres realizam, “[...] influenciam nas relações de poder, na forma como a mulher delinea suas territorialidades nesses espaços e também na construção da sua identidade enquanto agricultora” (MESQUITA, 2019, p.27). O que se evidencia, é que há uma sobreposição dos territórios de produção e reprodução quando homens e mulheres não se deslocam de casa para trabalhar em outros “[...] dependendo da natureza da atividade, as mulheres tampouco se deslocam do espaço doméstico para realizar as atividades produtivas” (HERRERA, 2019, p.60), sobretudo nas atividades desenvolvidas nos quintais.

Socialmente é conferido às mulheres agricultoras, o trabalho de educar, alimentar, cuidar da casa, do quintal, dos filhos e dos afazeres domésticos, contudo “na contemporaneidade, observa-se o crescimento do número de mulheres nas feiras convencionais” (MENEZES; ALMEIDA, 2021, p.76). As mulheres têm conquistado seus territórios para a comercialização, com vistas a reprodução social da família.

Nas discussões sobre gênero em Serra e Ferré (2006), aponta que a diferença nas análises da divisão de trabalho dentro da família e da sociedade rural [...] lleva a la explicación de la desigualdad y con ello a considerar las relaciones de género como centrales para analizar la distribución y el ejercicio de poder en las unidades familiares, las instituciones y la comunidade rural en general (SERRA; FERRÉ, 2006, p. 101). As discussões sobre as relações de gênero tornam-se imprescindíveis para analisar esses espaços apropriados pelas mulheres agricultoras como territórios de pertencimento, que também exercem sozinhas a função de provedora da família em seus quintais domésticos¹.

Para Certeau, ao refletir sobre os espaços privados, afirma que “[...] o território onde se desdobram e se repetem dia a dia os gestos elementares das ‘artes de fazer’ é antes de tudo o espaço doméstico, a casa da gente” (CERTEAU, 2008, p. 203), sobretudo para as mulheres agricultoras onde a casa não é somente moradia, mas também espaço de trabalho.

¹ Quintais domésticos são reservatórios de agrobiodiversidade em comunidades rurais mundo afora. Em muitas culturas, as mulheres são as responsáveis pela manutenção dessa prática. (...) garantindo o acesso das famílias a uma dieta saudável e adequada ao gosto e às tradições locais (OAKLEY, 2004, p. 37)



As territorialidades, criadas por essas mulheres “[...] ao apropriarem os recursos nos seus territórios, transformam estes em alternativas geradoras de renda e trabalho, a exemplo da produção de alimentos artesanais, culturais, identitários” (MENEZES, 2013, p.123). Tais alimentos são elaborados com ingredientes cultivados em seus quintais, como frutas, hortaliças, legumes, milho e mandioca, para além das ervas medicinais e os condimentos/temperos utilizados no preparo das comidas. Nas reflexões de Almeida, “[...] o quintal, é o espaço dos saberes. É nele que a mulher reproduz seus conhecimentos sobre as plantas, sejam plantas medicinais ou de alimentos” (ALMEIDA, 2016). Em entrevista com uma mulher agricultora ela enfatiza, “[...] a gente planta e colhe é no tempo da terra”². Essa afirmativa nos remete as discussões elaboradas por Montanari (2008) acerca da relação entre comida e calendário, isto é, os alimentos cultivados em determinados períodos do ano. Esses alimentos e comidas são elaborados, consumidos e comercializados nos circuitos curtos nas diferentes estações do ano, é o caso dos derivados da mangaba, do umbu, do caju, entre outros.

Dentre os circuitos curtos as feiras exercem papel importante no retorno econômico familiar, parte dos alimentos são destinados ao consumo doméstico e outra parte tem como destino a comercialização. A presença das mulheres agricultoras pode ser observada nas quatro principais feiras da cidade de Vitória da Conquista (Feira do Alto Maron, Bairro Brasil, Patagônia e CEASA), elas ocupam espaços fixos em barracas e espaços setorizados que circundam as feiras com as mercadorias expostas sobre um plástico no piso. Em uma das barracas de legumes Marcela expõe em sua narrativa que trabalha desde os 13 anos com a vó e revela a importância do trabalho na feira para a reprodução da família quando enfatiza “[...] hoje eu trabalho na feira dia de sábado, domingo, segunda e quinta, cada dia num lugar! Aqui é só eu, sozinha, e sustento cinco filhos. Né fácil não! Mas eu dou conta né!”³. A narrativa da Marcela proporciona a reflexão sobre a permanência das mulheres na feira e como esses territórios por elas conquistados são fundamentais para a autonomia e sustento da família.

As relações estabelecidas entre elas e os consumidores também refletem de forma direta no fluxo do produto, pois excluem atravessadores e estabelecem relações de confiança e fidelidade na comercialização, essa relação de venda direta fortalece as redes de sociabilidade que “[...]constituem recursos utilizados envolvendo atributos,

² Senhora Mazinha, 62 anos, Entrevista concedida em outubro de 2021.

³ Senhora Marcela, 36 anos, feirante há 23 anos. Entrevista concedida em outubro de 2018.



intencionalmente apresentando-se como uma estratégia de trabalho, de reciprocidade, de produção, de proximidade” (MENEZES, 2009, p. 165).

Em entrevista, a agricultora Célia afirma sobre o que é mais importante em seu trabalho “[...] É a gente plantar, né?! Trazer os produtos que a gente sabe que tá cuidando dos clientes da gente bem e da gente também, porque a gente não usa agrotóxico e sabe que é uma coisa saudável”.⁴ Esse cuidado com o cliente está atrelado às sociabilidades, às conversas, ao encontro, compra e venda de alimentos, a presença das táticas e estratégias, entre os saberes e fazeres, onde se efetuam as reproduções sociais e econômicas da vida cotidiana, “[...] as feiras se tornaram territorialidades populares (...) territórios formatados para a realização da mercadoria, mas que por aglomerar multidões resultaram em expressivos espaços de sociabilidade” (MASCARENHAS, 2008, p.74-75).

Essas relações são essenciais para a manutenção do trabalho das mulheres agricultoras e da reprodução social da família em seus territórios, Saffiote destaca que, “a mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social” (2013, p.7). Por isso, faz-se tão importante reconhecer o trabalho dessas mulheres.

CONCLUSÃO

O cultivo e a comercialização dos alimentos nos quintais contribuem para a reprodução familiar, por isso a relevância do estudo das mulheres agricultoras e dos seus territórios, sejam eles privados como os quintais produtivos ou público como as feiras livres, e a comercialização dos alimentos cultivados nos quintais confere às mulheres agricultoras a possibilidade de geração de renda e manutenção da reprodução familiar. Além disso, tem importância para a compreensão das relações desenvolvidas social e culturalmente.

Esses espaços ocupados pelas mulheres agricultoras, que perpassa os quintais e as feiras livres, efetivam-se como territórios à medida que apresentam apropriação material e simbólica, relações de poder e fatores econômicos e sociais que os envolve,

⁴ Senhora Célia, 42 anos, feirante há 20 anos. Entrevista concedida em outubro de 2018.



desse modo, as territorialidades que são formadas por processos que se conectam aos sujeitos sociais em relação ao território.

O reconhecimento e a valorização do trabalho exercido pelas mulheres evidencia a contribuição da labuta feminina para a manutenção da família nos territórios rural e ou urbano.

PALAVRAS CHAVE: Mulheres agricultoras. Território. Alimentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Comunidades tradicionais quilombolas do nordeste de Goiás: quintais como expressões territoriais. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 29, 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/11392>> Acesso em agosto de 2020.

CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce. MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano: 2 Morar, cozinhar**. 8 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SERRA, Isabel Salamaña; FERRÉ, Mireia Baylina. El lugar del género en la geografía rural. **BAGE: Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**, n. 41, p. 99-112, 2006.

HERRERA, Karolyna Marin et al. **A jornada interminável: a experiência no trabalho reprodutivo cotidiano das mulheres rurais**. (Tese). Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam CS. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, v. 2, n. 2, p. 72-87, 2008.

MESQUITA, Livia Aparecida Pires de. **Saberes e Fazeres de Mulheres Assentadas: Relações de Gênero e os Processos de Empoderamento no Território do Vão do Paranã, GO**. (Tese), Instituto de Estudos Socioambientais - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. **A força dos laços de proximidade na tradição e inovação no/do território sergipano das fabriquetas de queijo**. 2009. 360 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2009.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. Alimentos identitários: uma reflexão para além da cultura. **Revista GeoNordeste**, n. 2, 2013.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; ALMEIDA, Maria Geralda de. **Vamos às feiras!:** Cultura e resignificação dos circuitos curtos / Organizadoras: Sônia de Souza Mendonça Menezes e Maria Geralda de Almeida. -- 1. ed. – Aracaju, SE: Criação Editora, 2021.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**; tradução de Letícia Martins de Andrade. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SAFFIOTI, H. I. B. **A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

1907